

## Partes Homólogas

**Leila Guenther**

Na segunda metade do século XIX, nasceram na Tailândia os gêmeos xifópagos Wang e Chu. Eram unidos na altura da barriga e tinham cada um dois braços e duas pernas, e não, como é habitual acontecer no caso de irmãos siameses, um corpo só, com um par de braços e outro de pernas e, via de regra, também um órgão vital: um fígado, um estômago, um coração a ser compartilhado. No entanto, como é de se imaginar, a vida é bem mais fácil quando se divide tudo. Quatro braços, quatro pernas, dois troncos e mais órgãos vitais em dobro causavam, no caso dos irmãos Wang e Chu, uma confusão tremenda e uma terrível dificuldade de existir. Quando Wang posicionava seu braço esquerdo um pouco à frente de seu tronco, Chu tinha de manter o direito perto das costas. As pernas coexistiam bem, mas precisavam de sincronia: era necessário que Wang movimentasse sua perna esquerda ao mesmo tempo e na mesma direção em que Chu colocasse sua perna direita, enquanto as pernas direita e esquerda de Wang e Chu, respectivamente, estivessem um passo atrás ou em outra direção, por assim dizer. Embora pudessem, em teoria, andar com as pernas alternadas, a coisa simplesmente nunca funcionava assim. Às vezes, Chu se alimentava mas quem se sentia satisfeito era Wang. Se os dois se empanturrassem de comer ao mesmo tempo, poderiam acabar dormindo por dois dias seguidos. Quando um dormia, o outro podia se pôr a sonhar, acordado. Eram, simplesmente, demais para habitarem o mesmo espaço. O caso não era novo no antigo Sião, mas, ainda assim, causava estranhamento em terras tailandesas e era visto, pelo menos nas aldeias e regiões mais supersticiosas, como uma punição divina. O destino para aqueles acometidos por tais malformações era geralmente a morte pelas mãos dos próprios pais, por ordens do rei, ou então o degredo. Nesse caso, não restava aos siameses outro destino senão a admissão, nas cidades grandes de além-mar, em circos de aberrações, os chamados *freak shows*, onde figuravam anões, mulheres barbadas e outras monstruosidades.

Assim, Wang e Chu, ainda que pertencentes a uma família mais esclarecida, foram criados isolados em casa, praticamente em segredo, distantes dos olhos curiosos do povo, até que a própria curiosidade dos dois revelasse sua existência ao mundo e a pusesse em risco. Tinham dezessete anos quando partiram para Bangkok, com a intenção de, do porto, embarcarem para a Europa. Uma vez na capital, no entanto, foi-lhes difícil ocultar sua natureza. Logo a notícia daquela forma semelhante à de dois homens constantemente abraçados chegou aos ouvidos do rei.

Os irmãos sabiam o que os aguardava. Temeram pela sua sorte. Na melhor das hipóteses, se o rei estivesse de bom humor, poderiam ser condenados ao exílio. A caminho do palácio eles fizeram preces, cada um pela segurança do outro, com as mãos espalmadas no gesto da oração: a direita de Wang encostada à esquerda de Chu.

O rei voltava de uma batalha na fronteira com o Laos. Não estava de bom humor. Estava, antes, cheio de dores por causa do percurso em lombo de elefante. Quando os irmãos foram trazidos a sua presença, ele inquiriu, com mistura de desdém e curiosidade, como eles tinham vivido suas vidas até agora e o que sabiam fazer. Os irmãos então falaram.

Tinham vivido sua vida até então como qualquer um tinha vivido, com a diferença de nunca estarem a sós. Eram diferentes, mas também semelhantes. Estavam sozinhos, sentiam-se sozinhos, mas cada um em presença do outro, um outro que era como uma sombra com vida própria. Não sabiam o que era individualidade. Como viviam escondidos em casa, lá ajudavam sua mãe, na manutenção de coisas diversas. No fim do dia, porque ela estivesse cansada, eles massageavam seus músculos fatigados. O rei ordenou que eles o massageassem como faziam com sua mãe. Quatro mãos e quatro pés agiram com tal destreza sobre o corpo do monarca, aliviando-o de suas dores, que ele acolheu os irmãos na corte, como massagistas reais.

E ali ficaram até a chegada de Henry O'Hunter, que, encantado com a massagem que Wang e Chu promoviam à corte e a seus convidados, mas mais ainda com aquela figura de quatro braços e quatro pernas, mediante uma troca considerável – uma sueca tão loura e tão branca como nenhum tailandês tinha visto e que também fazia massagens -, levou os irmãos siameses para o velho mundo, agenciando-os nos *freak shows*.

Wang e Chu percorreram inúmeras cidades da Europa, ora apenas em companhia de O'Hunter, ora em trupes que se aventuravam pelas aldeias. Nas cidades pequenas, vilas e aldeias, o gosto era mais tradicional e as trupes – que vivam como uma espécie de família – faziam mais sucesso com seus palhaços, trapezistas, mágicos e animais domesticados. Os irmãos, por causa de sua malformação, atraíam mais público nas metrópoles, onde O'Hunter negociava seus cachês. Em Viena, testemunharam a construção da mais célebre roda-gigante do mundo, bem perto de onde estavam instalados; em Roma se apresentaram nas escadarias da Piazza di Spagna, juntamente com animais híbridos vindos de toda parte; em Paris, no circo de Montmartre, consultaram uma cartomante que os alertou sobre a sombra de um homem com o qual deveriam ter cuidado redobrado – que eles tomaram por O'Hunter; em Barcelona conheceram suas esposas chinesas – uma trapezista e uma contorcionista; em Londres, por insistência das esposas e ainda influenciados pela cartomante, se livraram de seu empresário, submetendo-se a uma arriscada cirurgia de separação. De lá, tendo decidido que a Europa nada mais tinha a lhes oferecer, embarcaram para a América, com a promessa de terra para cultivo e uma vida simples – sem mais confusões geradas pelo seu corpo duplicado.

Viveram dessa forma por alguns anos, com simplicidade e sem agitação, plantando e colhendo algodão e milho, apartados um do outro pela distância de dois quilômetros, mais do que qualquer outra já experimentada. Um dia, porém, chegou ao povoado próximo um grupo que mais parecia de ciganos. Era o Circo dos Medos. Os cartazes fixados nos muros brilhavam no escuro. Os dois foram até lá, às escondidas das esposas, ao sentirem novamente o apelo do passado. A instalação, que por fora se assemelhava a uma tenda humilde, parecia, por dentro, o interior de um antigo teatro abandonado, com a diferença de que ocorriam vários números ao mesmo tempo, divididos apenas por cortinas de veludo azul puído que deviam ser transpostas para se chegar a outro número. Tapetes orientais empoeirados recobriam o chão e, em alguns cantos, bustos ou esfinges douradas faziam as vezes de colunas. Os irmãos atravessaram inúmeras cortinas e assistiram a números tão díspares e improváveis como o de uma jovem que devia subir numa estrutura de ferro para alcançar seu mestre japonês, que meditava em posição de lótus no topo;

de palhaços anões sem maquiagem que choravam defronte a uma plateia que não ria e o de uma senhora que presenciava, enquanto bradava ignorada como se fosse invisível, seu marido acariciando a amante. Diante do que viram ali, tiveram, quase ao mesmo tempo, a ideia do espetáculo de suas vidas. Nesse momento as palavras da cartomante enfim se fizeram claras. Abandonaram suas esposas, seus filhos, suas casas e suas terras para retomar a vida itinerante.

No dia da estreia de Wang e Chu, os espectadores presenciaram uma das mais estranhas atrações já vistas no Circo dos Medos: dois ex-irmãos siameses unidos por uma deformidade cirurgicamente construída: a perna direita de um estava costurada, pela derme, à esquerda do outro, de modo que pareciam um só ser de três pernas.

Não se separaram mais. Sobre três pernas viveram o restante de seus dias, percorrendo as mais diversas cidades da América, até o começo do novo e esperado século, quando morreram, primeiro Chu e depois Wang, num intervalo de 42 horas.

---

**Leila Guenther** formou-se em Letras pela Universidade de São Paulo e trabalha como revisora de texto. Publicou os livros de contos *O voo noturno das galinhas* (Ateliê Editorial, 2006), traduzido para o espanhol em 2010 (Peru, Borrador Editores), e *Este lado para cima*, pelo selo Sereia Ca(n)tadora, da revista *Babel* (2011). Participou das antologias *Quartas Histórias: contos baseados em narrativas de Guimarães Rosa* (Garamond, 2006) e *Capitu Mandou Flores: contos para Machado de Assis nos cem anos de sua morte* (Geração Editorial, 2008). Desde 2009 mantém o blog: [nalinhadavida.blogspot.com](http://nalinhadavida.blogspot.com)